
ENCRUZILHADAS DE GÊNERO EM UM CURRÍCULO-MUSEU

GENDER CROSSROADS IN A CURRICULUM-MUSEUM

ENCRUCIJADAS DE GÉNERO EN UN CURRÍCULUM-MUSEO

Cláudio Eduardo Resende Alves¹, Marlucy Alves Paraíso²

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa que investiga o que chamamos de currículo-museu com gênero e suas possibilidades de aprender no acervo do Memorial Minas Gerais Vale em Belo Horizonte/MG. Inserido nos estudos pós-críticos de gênero e currículo foi utilizada a metodologia que articulou observação participante do cotidiano do museu com registros em um diário de campo. O objetivo foi mapear possibilidade de aprender com as “encruzilhadas de gênero” no museu, isto é, aqueles momentos em que as normas de gênero são colocadas em xeque. Foram selecionados uma máquina de costura e um regador de metal como elementos problematizadores na pesquisa teórica e empírica. Os resultados indicam que um currículo-museu pode oportunizar encontros múltiplos ao produzir deslocamentos no aprender sobre gênero. Por fim, o estudo aponta a relevância de uma prática curricular permeável às diferentes leituras de mundo e aos diferentes modos de existir.

PALAVRAS-CHAVE Currículo. Gênero. Museu.

ABSTRACT

This article is the result of a research that investigates what we call a curriculum-museum with gender and its possibilities of learning in the collection of Memorial Minas Gerais Vale in Belo Horizonte/MG. Inserted in the post-critical studies of gender and curriculum, a methodology that articulated participant observation of the museum's daily life was used with records in a field diary. The objective was to map the possibility of learning from the "gender crossroads" in the museum, that is, those moments when gender norms are put in check. A sewing machine and a metal watering can were selected as problematizing elements in theoretical and empirical research. The results indicate that a curriculum-museum can provide multiple encounters by producing displacements in learning about gender. Finally, the study points out the relevance of a curricular practice permeable to different world readings and different ways of existing.

KEYWORDS: Curriculum. Gender. Museum.

¹ Pós-Doutor em Educação - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutorado em Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Gestor de Políticas Públicas Educacionais da Secretaria Municipal de Educação (SMEBH). Belo Horizonte, MG - Brasil. Professor e Pesquisador Acadêmico no campo de gênero, sexualidade, currículo e educação. **E-mail:** cadupbh@gmail.com

² Doutora em Educação - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Pós-Doutorado - Universidade de Valencia-Espanha. Professora Titular - Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Belo Horizonte, MG - Brasil. **E-mail:** marlucyparaiso@gmail.com

Submetido em: 09/03/2021 - **Aceito em:** 28/09/2022 - **Publicado em:** 19/07/2023

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación que estudia lo que llamamos un currículum-museo con género y sus posibilidades de aprendizaje en la colección del Memorial Minas Gerais Vale en Belo Horizonte/MG. Inserta en los estudios post-críticos de género y currículo se utilizó una metodología que articulaba la observación participante de la vida cotidiana del museo con los registros en un diario de campo. El objetivo era trazar las "encruzijadas del género" en el museo, esos momentos en que las normas de género se ponen en jaque. Una máquina de coser y una regadera de metal fueron seleccionados como elementos problemáticos en la investigación teórica y empírica. Los resultados indican que un currículum-museo puede proporcionar múltiples encuentros produciendo desplazamientos en el aprendizaje sobre el género. Por último, el estudio señala la pertinencia de una práctica curricular permeable a las diferentes lecturas del mundo y formas de existir.

PALAVRAS-CLAVE: Currículo. Género. Museo.

1 INTRODUÇÃO

Nas fronteiras você é um campo de batalha, onde seus inimigos são parentes entre si [...] você está em casa, uma estranha, as disputas fronteiriças foram resolvidas [...] você está ferida, perdida em ação lutando de volta. Para sobreviver às fronteiras, você deve viver sem fronteiras, ser uma encruzilhada (ANZALDÚA, 1987, p. 113).

Não trago nenhuma notícia das margens. Trago notícias da travessia [pois estou] na encruzilhada. Não tenham medo, não se excitem [...] porque ela é o único lugar que existe [...] Estamos todos[as] na encruzilhada. [...] termina[mos] sempre no meio da encruzilhada. E é dessa encruzilhada que lhes falo (PRECIADO, 2020, p. 30).

Viver na encruzilhada! Estar numa encruzilhada! Ser uma encruzilhada! Uma encruzilhada apresenta múltiplos sentidos: ponto crítico em que se deve tomar uma decisão; cruzamento de caminhos, sendo um caminho a ser tomado e outro a ser abandonado que, por um breve período de tempo, são o mesmo; um lugar sagrado de oferendas aos deuses e às deusas; entre lugares, espaço entre partes e interstício. Seguindo os passos da teórica feminista Glória Anzaldúa (1987) e do filósofo escritor Paul B. Preciado (2020) pode-se dizer que a travessia pelas fronteiras de gênero leva a uma encruzilhada, posta na sociedade contemporânea como um grande e polêmico dilema político, histórico, cultural, social e também curricular.

Nesse sentido, a pergunta que mobiliza este artigo é: entre a emergência das ofensivas antigênero que temos vivenciado e a insurgência dos movimentos sociais, um currículo comporta as encruzilhadas de gênero? Encruzilhadas de gênero aqui entendidas como aqueles espaços ou momentos em que certezas e crenças sociais e culturais são questionadas, confrontadas e desalinhadas. Normas de gênero são colocadas em xeque e naturalizações são estranhadas, buscando abertura para outras formas de aprender e conhecer o mundo. Gênero é um termo polissêmico, sendo compreendido como “um sistema de regras, convenções, normas sociais e práticas institucionais que produz performativamente o sujeito que pretende descrever” (PRECIADO, 2018, p. 121). Repensar gênero pela ótica de uma encruzilhada, é reivindicar a fluidez das fronteiras e dos “entre-lugares” (ANZALDÚA, 1987, p. 35) que compõem as vidas daqueles/as que não se enquadram (BUTLER, 2016) nas normas de gênero.

Um currículo é entendido, com base nos estudos pós críticos e aqui neste artigo, como “prática cultural que ensina e forma [...] que governa condutas e produz sujeitos” (PARAÍSO, 2010, p.12), praticado nas e pelas instituições, sendo a escola uma delas, mas não a única. Um currículo acontece nas encruzilhadas e nas travessias de fronteiras, por ser múltiplo e estar em muitos territórios. Nessa perspectiva, um currículo é entendido como um artefato que ensina, que possui uma pedagogia e com o qual se pode aprender saberes, modos de se comportar, de ver o mundo, e de se entender como sujeito de um tipo específico (PARAÍSO, 2010). Um currículo, assim entendido, está na escola, mas está também na mídia, nos filmes, nas revistas em quadrinhos, no teatro, nas instituições de ensino e em todo e qualquer espaço onde “muito se ensina e em que se pode aprender” (PARAÍSO, 2016, p. 206). O museu é certamente um desses espaços. Assim, o museu é lido nesse artigo como um artefato cultural que possui um currículo e uma pedagogia que ensina sobre gênero e produz leituras sobre o mundo por meio daquilo que compõe seu acervo. Sendo um currículo que ensina; nele se pode efetivar muitas aprendizagens sobre gênero.

Esse artigo é resultado da pesquisa de Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais realizada entre os anos de 2019 e 2020, que teve como *lócus* investigativo o Memorial Minas Gerais Vale na cidade de Belo Horizonte/MG. A escolha desse espaço museal é decorrência do Programa Institucional “Circuito de Museus” da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte do qual, desde 2013, o Memorial Minas Gerais Vale faz parte. O Programa envolve doze espaços museais da cidade no desenvolvimento de atividades formativas com docentes e discentes, a fim de repensar o museu como território do aprender e da leitura de mundo. O argumento aqui desenvolvido é o de que o mapeamento de encruzilhadas de gênero por meio de interações com o acervo de um museu pode produzir movimentos e evidenciar possibilidades do aprender, embaralhando as fronteiras entre museu, gênero e currículo.

A partir daqui, considerando a introdução como a 1ª seção, este artigo está organizado em mais quatro seções. Na 2ª seção “Pesquisar um currículo na fronteira de gênero” é introduzida a proposta investigativa na fronteira do aprender sobre gênero. Na 3ª seção “(Des)objetos museais como uma estratégia metodológica” é apresentada a metodologia utilizada na pesquisa a partir da perspectiva de (des)objetos. Na 4ª seção “Encruzilhadas de gênero no Memorial Minas Gerais Vale” são problematizadas duas peças do acervo museal: uma máquina antiga de costura e um regador de metal para mostrar como podemos acionar encruzilhadas de gênero nas conversações. E, por fim, na 4ª seção “Efeitos de um currículo-museu com gênero” é sistematizada a proposta de um currículo para ensinar e aprender sobre gênero em um museu.

2. PESQUISAR UM CURRÍCULO NA FRONTEIRA DE GÊNERO

Mulher, feminista, lésbica, mestiça, escritora e chicana – Anzaldúa se apresenta no livro *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (1987) como “uma mulher da fronteira” (ANZALDÚA, 1987, p. 18). Uma pessoa que procura romper com os estereótipos do que seja uma mulher dentro dos padrões socialmente impostos. Uma pessoa que vive na encruzilhada e de onde consegue flexibilizar e relativizar as fronteiras estanques que aprisionam modos de ser e de estar no mundo. Nas palavras da própria escritora “sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também [...] questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados” (ANZALDÚA, 1987, p. 81).

Não é homem, não é mulher, não é heterossexual, não é homossexual e nem bissexual, é um dissidente do sistema sexo-gênero – Preciado se apresenta no livro *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia* (2020) como um morador da encruzilhada que não veio dizer nem o que é um transexual, nem como é mudar de sexo. Nas palavras do próprio escritor “Ao nascer me atribuíram o gênero feminino [...] fui educada para ser uma menina modelo [mas] não quer[ia] me vestir com saias, não quer[ia] camisetas com laços, não quer[ia] grampos de cabelo, [pois, era] um menino” (PRECIADO, 2018, p. 102). Morador de diferentes cidades pelo mundo, Preciado transita entre três línguas – espanhol, francês e inglês. Na fronteira entre ser um homem trans no século XXI e uma feminista com nome de homem, Preciado construiu sua subjetividade com testosterona.

Inspirado nas concepções autobiográficas de Anzaldúa (1987) como uma mulher de fronteira e de Preciado (2020) como um homem trans na fronteira com o feminismo, neste artigo, a dimensão da fronteira é abordada sob dois pontos de vista que, apesar de diferentes, estão de certa forma interconectados: 1. A fronteira pensada como algo a ser transposto, atravessado, despedaçado ou ainda borrado e rasurado; e 2. A fronteira pensada como um entre-lugar, ou seja, um local de questionamentos e reflexões, onde colocam-se em xeque as normas e os códigos hegemônicos. Vale ressaltar que a segunda abordagem de fronteira se assemelha à dimensão de uma encruzilhada.

Pesquisar na fronteira – de modo a juntar, unir, produzir, questionar e criar outros significados – é a proposta do pesquisar gênero e currículo se deparando regularmente com encruzilhadas que propõem colocar na berlinda as normas de gênero naturalizadas na cultura e no discurso. Pesquisar na fronteira é procurar por escapes do binarismo de gênero – isso é de homem, isso é de mulher – ao propor pensar sujeitos, corpos e objetos como uma multiplicidade de modos de existência. Encruzilhadas de gênero não se fixam em nomenclaturas, nem em regras classificatórias, pois escorregam entre-lugares e se posicionam nas margens ao produzir dissidências. As encruzilhadas podem acontecer na escola, no museu, nas redes sociais, no cinema, na música, nas viagens, nas reuniões de família e até mesmo nos sonhos. Afinal, para Preciado (2020), “nenhuma vida pode ser plenamente narrada [...] em sua felicidade ou em sua loucura sem levar em conta as experiências oníricas” (PRECIADO, 2020, p. 19).

No contexto político brasileiro, em especial após a retirada do termo gênero do Plano Nacional de Educação em 2015, caracterizado pelas ofensivas antigênero expressas em grupos como o “Escola sem Partido” e os defensores do *slogan* “Ideologia de Gênero”, cabe interrogar quais são as fronteiras do aprender sobre gênero em um currículo. Gênero é aqui entendido como uma prática performativa, discursiva e política que produz inteligibilidade e reconhecimento para sujeitos e corpos (BUTLER, 2018). E por fronteira do aprender entende-se a distância entre aquilo que pode e aquilo que não pode ensinar e aprender sobre gênero no currículo.

As fronteiras do aprender sobre gênero, no atual contexto conservador brasileiro, delimitam o permitido do interdito na escola, por exemplo, é “permitido” ensinar sobre o funcionamento do sistema biológico de reprodução humana, pois se mantém na dimensão heteronormativa; ou também é “permitido” discutir violência contra a mulher, pelo viés da cisgenereidade, desde que não se fale sobre LGBTfobia. As fronteiras do aprender determinam o viável, conforme as normativas legais higienistas da educação nacional que silenciam a discussão de gênero (ALVES, 2020), invisibilizando tudo que escapa e vaza no currículo. A hierarquização e a vigília dos corpos e performances que se diferem da norma binária de gênero na escola produzem a precarização de alguns corpos mais que outros (BUTLER, 2018). “Ante [a] tormenta que [caiu] no território do currículo” (PARAÍSO, 2018, p. 26), pesquisar gênero e sexualidade se tornou um desafio político de resistência em experimentações curriculares.

Pesquisar um currículo-museu com gênero é promover rupturas, uma vez que “práticas e enunciações vinculadas a outras formas de viver a sexualidade e o gênero podem romper com a ordem em um currículo” (PARAÍSO, 2019, p. 120). Isso demanda investimento na linguagem, ponto fulcral nos estudos de gênero, pois a escola produz e reproduz a linguagem da obediência. A linguagem que dá ordens por meio da imposição de enunciados e que faz a vida se calar, escutar e aguardar o comando. Na contramão dos silenciamentos de gênero (ALVES, 2020), é preciso oxigenar o currículo, estimular outras travessias em territórios não escolarizados, atravessar encruzilhadas, fazer desvios (ALVES, 2021), tomar atalhos e reinventar a vida.

Nessa direção, Anzaldúa (1987) enfatiza a relevância da linguagem na cultura ao propor a criação de uma “língua de fronteira”, isto é, de um hibridismo linguístico espanhol/inglês como estratégia de resistência chicana ao colonialismo estadunidense. Por esse viés fronteirício e híbrido das letras, indagamos em um currículo qual letra normaliza corpos e performances de gênero ao mesmo tempo em que buscamos pelas rasuras “na letra do poder, do pensamento hegemônico e da cultura” (FIGUEIREDO; HANNA, 2018) sexista, racista, homofóbica e transfóbica. Um currículo pode borrar as fronteiras de gênero ao interseccionar-se com raça, classe social, deficiência, geração, religião, territorialidade entre outros marcadores sociais, a fim de promover uma política de alianças (BUTLER, 2018) entre diferentes modos de existir no exercício coletivo da resistência.

3. (DES)OBJETOS MUSEAIS COMO UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Na perspectiva transgressora, nômade e desgnerificada de Anzaldúa (1987) e Preciado (2020), a pesquisa buscou nas interações e travessias entre os acervos museais, pela ótica das relações de gênero, elementos significativos para colocar em ação um currículo-museu por meio de encontros, composições e conversações com (des)objetos do museu.

(Des)objeto, numa alusão à obra de poeta Manoel de Barros (2015), é o exercício discursivo de desformatação do objeto do acervo de um museu como uma estratégia metodológica de produção de estranhamentos no aprender sobre gênero no currículo. (Des)objetos livram o objeto de suas ontologias generificadas, pois como têm caráter inconstante e nômade são passíveis de serem percebidos no feminino, no masculino ou em ambos. (Des)objetos podem ser pensados como “objetos de fronteira” porque acionam leituras híbridas do acervo museal compostas pela bricolagem entre cultura, história, estética, arte, política e, claro, currículo. A partir dos (des)objetos, um currículo-museu produz movimentos e conexões por meio da interrogação e da investigação com outros lugares e outros tempos.

A pesquisa teve como estratégias metodológicas o uso de um diário de campo e a observação participante do cotidiano de visitas ao museu, aliados a conversas com a equipe do educativo responsável pelo acolhimento de discentes e docentes nas visitas mediadas ao museu. O uso de um diário de campo demanda uma organização no registro dos eventos observados e compartilhados, bem como na seleção de material para reflexão sobre práticas, discursos e posições de sujeitos e grupos. Nesse sentido, Weber (2009) destaca ser importante problematizar as fronteiras científicas, e mesmo literárias, entre a dimensão íntima e a dimensão social na escrita de um diário de campo para não imputar o risco da autocensura, sobretudo quando se investiga a temática de gênero, tomada como encruzilhada, que desloca as fronteiras binariamente construídas entre o feminino e o masculino.

Em 2019 foram realizadas cinco visitas ao Memorial Minas Gerais Vale. Cada visita durou cerca de duas horas, sempre no turno da tarde. Entre caminhadas pelas salas e pelos andares do espaço museal à procura de encruzilhadas de gênero no encontro com (des)objetos do acervo, foi possível encontrar visitantes de todas as idades, alguns/algumas curiosos/as, outros/as nem tanto. Pessoas sozinhas e em grupos. Os grupos de estudantes se destacavam no museu pelo quantitativo que ocupava inteiramente algumas salas, preenchendo-as com seus corpos, inquietudes, perguntas, fotos com telefones celulares, movimentos, conversas e outros sons. Vale destacar que algumas salas do Memorial Minas Gerais Vale produziam mais ruídos que outras.

É importante registrar que houve acolhimento, disponibilidade e parceria dos/das profissionais multidisciplinares da equipe do educativo do Memorial Minas Gerais Vale no processo da investigação que subsidia esse artigo. As trocas de ideias, provocações despertadas e o compartilhamento de desconfortos foram fundamentais na pesquisa, já que fomentaram outros olhares para o aprender no museu, desde o *modus operandi* de um

museu até o trabalho educativo com os artefatos culturais do acervo. Um aprender aberto e desejanste de novas experiências curriculares. Olhos e ouvidos atentos, eis o museu!

4. ENCRUZILHADAS DE GÊNERO NO MEMORIAL MINAS GERAIS VALE

Criado em 2010, o Memorial Minas Gerais Vale situa-se em um importante ponto turístico e histórico de Belo Horizonte, a Praça da Liberdade. O prédio foi a sede da Secretaria do Estado da Fazenda de Minas Gerais. Em 1897, a edificação histórica, tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, foi o local de lançamento da pedra fundamental da cidade. Caracterizado como um museu da experiência, o projeto conceitual do Memorial Minas Gerais Vale conta com cenários reais e virtuais do século XVIII ao século XXI em busca, mais do que um resgate do passado, de uma perspectiva de museu em construção permanente, unindo em um só ambiente as noções de passado, futuro e de identidade do mundo contemporâneo.

O artigo analisa dois (des)objetos museais – uma máquina antiga de costura e um regador de metal – ambos da sala Fazenda Mineira, localizada no 2º piso do Memorial. A escolha desses (des)objetos museais ocorreu em função deles terem estimulado nos/as visitantes conversações e reflexões polêmicas sobre as relações de gênero, ou seja, oportunizaram potentes encruzilhadas de gênero. A ótica sonora dos ruídos produzidos pelo público nas visitas também determinou a escolha da sala e dos (des)objetos. A sala Fazenda Mineira tem como proposta museal transportar o/a visitante para o ambiente das fazendas do interior de Minas Gerais, composta por objetos de diferentes tamanhos, pesos, formatos e materialidades fixados nas paredes e pintados na mesma cor, os objetos quase saltam das paredes, criando um clima intimista e, por vezes, sufocante, que evoca memórias e sensações.

4.1. (Des)objeto 1: Máquina de costura

Uma máquina de costura, na dimensão de um objeto com materialidade do acervo de um museu, pode ser descrita como pesada, compacta, feita de metal numa base de madeira, com acionamento por pedal. Características que a conformam como um utensílio. A operação de passagem da máquina de costura da fronteira de um objeto do acervo para um (des)objeto museal é acionada pela linguagem e pelas narrativas construídas em seu entorno, como no seguinte relato da pesquisa de campo: numa visita de discentes da Educação de Jovens e Adultos ao Memorial, uma estudante disse: “Essa máquina me lembra minha infância na casa da minha avó, na cidade de João Monlevade, tinha uma máquina dessa no quartinho de depósito, minha vó era famosa pelas roupas que fazia, conseguia muito dinheiro com roupas de festa” (DIÁRIO DE CAMPO – ALVES, 2019a).

Ao ser deslocada para a dimensão de um (des)objeto, a máquina de costura pode evocar memórias e afetos ultrapassando as fronteiras de um artefato cultural fixado no museu. Para Pacheco (2010), “a memória individual, entendida como a capacidade de evocar elementos [...] simbólicos ausentes, é enriquecida pela memória coletiva [...] sendo produzida e difundida pelos depoimentos que os sujeitos enunciam de diferentes lugares sociais” (PACHECO, 2010, p. 144). Um (des)objeto máquina de costura permite voos para outros territórios no atravessamento por encruzilhadas de gênero. Na conversação, a estudante se

lembra da máquina como o trabalho e a fonte de renda da avó o que abre espaço para a problematização das profissões usualmente tidas como femininas, mas ocupadas por muitos homens, como os alfaiates ou os renomados estilistas das semanas de moda pelo mundo.

Profissões generificadas e seus impactos no mercado de trabalho são lidas como encruzilhadas ao sinalizarem desigualdades de gênero. Assimetrias no ofício da costura também podem ser estendidas a outros ofícios como a cozinheira e o chefe de cozinha. O ato de costurar demanda coordenação motora fina que é, comumente, atribuída às mulheres por serem consideradas mais delicadas do que os homens. Tal raciocínio laboral restringe a noção de gênero, reiterando as fronteiras entre a norma – cisgeneridade – e a abjeção – transgeneridade (BUTLER, 2018).

Nesse sentido, a teoria da divisão sexual do trabalho (SOUSA; GUEDES, 2016) sinaliza as divergentes atribuições profissionais entre mulheres e homens determinadas exclusivamente em função do sexo designado ao nascimento. A divisão sexual do trabalho repercute significativamente nas funções e nos cargos ocupados por mulheres com reflexo nos rendimentos e na ascensão na carreira. Sousa e Guedes (2016) problematizam a encruzilhada formada entre as desigualdades de gênero e a educação no Brasil. Considerando o tamanho do país e a heterogeneidade entre as regiões brasileiras, as autoras interrogam “até que ponto o grau de escolarização feminina poderia contribuir com a maior equalização da divisão sexual do trabalho” (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 137). Ainda no tema do mercado de trabalho atravessado por gênero, a pesquisa de Almeida e Vasconcellos (2018) aponta a dificuldade de pessoas trans e travestis em conseguir emprego formal no Brasil, fora do nicho estigmatizado da prostituição ou dos salões de beleza, o que demanda certa diligência das empresas no enfrentamento às práticas transfóbicas no ambiente de trabalho.

Pensando nas fronteiras de gênero no universo da moda, o pesquisador Bergamo da Universidade Estadual Paulista no artigo *Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda* (2004) traz para o debate a pauta de gênero e seu papel na produção e no consumo de moda nacional e internacional. Segundo o autor, historicamente no mundo da moda, alguns elementos como a roupa generificada, os editoriais em revistas de moda, os grandes desfiles em semanas de moda, bem como a própria decoração e vitrine de lojas de roupas femininas e masculinas sinalizam a demarcação de fronteiras que permitem que a distância entre gêneros fique sublinhada.

Outro registro da conversação entre uma educadora do Memorial e o grupo discente da EJA indica outra possível encruzilhada de gênero com o (des)objeto máquina de costura: Ela pergunta ao grupo “Vocês acham que roupa tem gênero?” Passado um curto período de entreolhares no grupo, uma estudante responde: “Tem sim professora [era como ela chamava a educadora], roupa de mulher é saia, vestido, camisola e roupa de homem é terno, calça, bermuda”. A educadora aproveitou da resposta para lançar outra dúvida: “Mas calça jeans não tem [gênero], homem e mulher usam!” (DIÁRIO DE CAMPO – ALVES, 2019a). Como um sentido atribuído por meio da linguagem, gênero não faz parte da ontologia dos objetos. O hibridismo de algumas peças de roupa, como a calça jeans, aponta que a fronteira entre gêneros não é tão monolítica como se supõe.

Na direção dessa encruzilhada de gênero, Moreira (2020) problematiza a moda como produtora de objetos de consumo pautados em formatações, rupturas e reconciliações entre o sujeito e o mundo. Utilizando do discurso de novas liberdades que quebram estereótipos e enquadramentos, a moda se reinventa e produz novos nichos de consumo, como a moda agênero – que consiste em roupas que podem ser usadas tanto por mulheres quanto por homens. A autora faz uma análise crítica de algumas marcas de roupas que cooptaram causas socioculturais, como a igualdade entre gêneros, para produzir e vender suas novas mercadorias de moda.

Abrir as fronteiras, atravessar encruzilhadas e seguir diferentes caminhos! Um currículo que feche as fronteiras para a discussão de gênero como um potente elemento pedagógico do aprender acaba invisibilizando “todos[a] [aqueles/as] que atravessam, cruzam ou transgridem os confins do [dito] normal” (ANZALDÚA, 1987, p. 3). Estar numa encruzilhada de gênero é embaralhar as fronteiras normativas e exercitar o aprender no espaço do *entre*. Para Deleuze e Guattari o desejo de aprender habita no “*intermezzo*” (2008a, p. 48), ou seja, *entre* lugares, *entre* ideias, *entre* pessoas e *entre* coisas em um currículo-museu. Os autores ressaltam que “*Entre* coisas não designa uma correlação localizável [...] mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que carrega uma [coisa] e outra” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 49).

Os encontros com o (des)objeto máquina de costura, evocados em diálogos com visitantes e profissionais do museu, podem produzir a fruição do aprender sobre gênero no e com o museu. Como habitante do entre-lugares (ANZALDÚA, 1987) no museu, a máquina de costura torna-se atemporal e nômade, acionando encruzilhadas por meio de conversações que propiciam debates sobre gênero no museu.

A proposta curricular aqui desenvolvida aposta no cruzamento permanente de fronteiras, pois como Preciado (2020) aponta os processos de deslocamento – geográficos, linguísticos, imaginativos, culturais, corporais e, pode-se acrescentar, curriculares – são os que permitem compreender a transformação do mundo, afetando mutuamente quem se desloca e quem ou o que é deslocado. Na composição com o (des)objeto máquina de costura, alguns deslocamentos aconteceram nos processos de conversação e composição como: da máquina para a roupa, da roupa para a profissão de costureira/o e similares, da profissão para as desigualdades de gênero no mundo do trabalho, das desigualdades para o uso da dimensão de gênero na moda e, terminando, na reflexão sobre a (des)generificação de objetos.

4.2. (Des)objeto 2: Regador de metal

Um regador, como um objeto do acervo de um museu, pode ser descrito como sendo feito de metal, de tamanho médio e com uma alça larga na parte superior. A desconstrução do *status* do regador de um objeto do acervo para um (des)objeto museal ocorre por meio de associações livres discursivas, imaginativas e interativas. Numa visita com um grupo de estudantes adolescentes perante o (des)objeto regador, uma questão do educador do Memorial detonou uma série de encruzilhadas de gênero: “Existe alguma regra para dar flores para uma pessoa?” Uma estudante rapidamente respondeu que as mulheres recebem flores, ela mesma havia recebido flores do namorado muitas vezes. Outra estudante divergiu e disse: “Mas minha irmã já deu flores para o marido no aniversário dele”. Outro estudante retrucou falando: “Aposto que ele ficou sem graça e não gostou”, ela respondeu: “Acho que gostou.” (DIÁRIO DE CAMPO – ALVES, 2019b).

Nesse encontro com o (des)objeto regador, encruzilhadas de gênero foram acionadas durante a conversação com estudantes acerca de um possível “protocolo social de gênero” para presentear com flores. À guisa de entender se existe ou não tal protocolo de gênero, o pesquisador conversou com uma funcionária de uma grande floricultura da cidade de Belo Horizonte e ela disse: “Homens podem ganhar flores amarelas ou brancas, lírios ou girassóis, sempre plantadas num vaso. Já as mulheres não, elas podem receber buquês de flores, como rosas, orquídeas, tulipas, crisântemos [...] sempre cortadas. Essa é a regra! Não tem erro”. Perante tamanha certeza da funcionária, resta perguntar: Quem criou e quando foram criadas essas normas? E o que acontece se essas regras não forem obedecidas? (DIÁRIO DE CAMPO – ALVES, 2019c).

As fronteiras entre masculino e feminino estão postas socialmente para serem reiteradas como norma. Nessa direção, Butler (2018) destaca que é preciso “perguntar como essas normas são instaladas e normalizadas [esse] é o começo do processo de não tomar a norma com algo certo” (BUTLER, 2018, p. 44). A reiteração das normas de gênero sem questionamento ou reflexão se torna determinante na governabilidade de sujeitos e corpos, determinando espaços diametralmente opostos entre o feminino e masculino, na tentativa de assegurar um essencialismo de gênero. Para abalar essas fronteiras, a ambiguidade, o hibridismo e a indecidibilidade de Anzaldúa (1987) nos convoca a posicionarmos na encruzilhada e, desse entre-lugar, questionarmos o lugar-comum, perturbando os binarismos culturais.

As encruzilhadas de gênero despertadas pelo (des)objeto regador não têm saídas fáceis no currículo-museu, que se pretende democrático e inclusivo. O uso da linguagem nos estudos pós-criticos de gênero configura-se como um sinalizador de encruzilhadas entre a norma e a resistência. Paraíso (2019) aponta que “os enunciados que ouvimos e vemos cotidianamente nos currículos escolares [...] demarcam posições de sujeito consideradas adequadas e corretas para meninos e meninas” (PARAÍSO, 2019, p. 202). Entretanto, Preciado sinaliza que tanto a fala quanto a escrita podem ser lidas como “prática[s] performativa[s] de produção de vida” (PRECIADO, 2020, p. 57) e, como tal, esboçar possibilidades de resistência.

Em outro momento da visita do grupo discente ao museu, ainda junto ao (des)objeto regador, um estudante comentou com o educador do Memorial: “Esse negócio de flor o Marquinhos entende bem, ele é florzinha mesmo!” O riso de alguns colegas foi cortado pelo educador que criticou a postura do grupo e aproveitou para puxar uma conversa sobre preconceito (DIÁRIO DE CAMPO – ALVES, 2019b). O controle por meio da linguagem para a manutenção da heteronorma acontece nos pequenos usos que fazemos das palavras, em especial, como xingatórios genericados. O uso do termo florzinha numa alusão a homossexualidade, além de indicar homofobia indica também certo sexismo ao equipará-lo, no diminutivo, com a feminino. Segundo Borrillo (2010), “o sexismo implica tanto a subordinação do feminino ao masculino, quanto à hierarquização das sexualidades, fundamento da homofobia” (2010, p. 30). Pode-se dizer que o exercício linguístico de desconstrução proposto no museu utiliza da metalinguagem, pois se vale da conversação para colocar em pauta a própria conversação.

O limite léxico da língua “condiciona quem vai ser reconhecível e legível e quem não vai” (BUTLER, 2018, p. 45), o que acaba por evidenciar outra fronteira, a do reconhecimento do outro – diferente de mim – como sujeito humano com iguais direitos. Butler (2016) propõe pensar a fronteira como “uma função da relação, uma gestão da diferença, uma negociação” (BUTLER, 2016, p. 72) permanente com o outro, enfatizando a importância de uma ética da coabitação na interdependência entre os seres vivos. Para a autora, as alianças são necessárias para sobrevivência e têm sido feitas para o exercício de direitos, como das ditas minorias sexuais e de gênero, uma vez que aliançar é a maneira “como as comunidades são organizadas para resistir à condição precária” (BUTLER, 2018, p. 76).

Compor um currículo-museu com gênero também é estabelecer alianças, produzir mudanças e conexões com (des)objetos. Aliançar é compor com intrincadas redes de conexão sobre as relações de gênero que habitam (des)objetos, viabilizar e visibilizar outras formas de aprender no museu. A transposição de fronteiras entre um objeto do acervo e um (des)objeto museal, experimentada nas encruzilhadas de gênero no museu, consiste numa aposta do currículo-museu no aliançar com a diferença, no questionar as certezas epistemológicas e no abrir-se a outras formas de conhecer e experimentar o mundo.

Se posicionar estrategicamente numa encruzilhada para questionar o mundo e as coisas do mundo pode ser uma alternativa para resistir ao controle de gênero exercido por instituições, como a escola e o museu. Nessa seara, nenhuma fronteira é intransponível, cabe às/aos pesquisadoras/es de gênero no currículo, procurar pelas brechas para respiro, pelos “interstícios, [aqueles] espaços entre os mundos diferentes” (ANZALDÚA, 1987, p. 20) em que a vida se torna vivível e questionar a arbitrariedade de algumas fronteiras impostas na educação. No museu, o (des)objeto regador foi posicionado numa encruzilhada de gênero ao se mover *entre* territórios buscando por brechas para reflexão como: do regador para o cultivo de plantas, das plantas para as flores, das flores para o protocolo social de gênero para presentear com flores e, por fim, do protocolo para o uso da linguagem como dispositivo discriminatório de gênero.

Para acionar encruzilhadas de gênero no museu foram estabelecidas conversações com visitantes docentes e discentes, com educadores/as do Memorial e com o próprio pesquisador. Assim, pode-se dizer que o (des)objeto regador tem potência de fala quando evidencia preconceitos de gênero no uso da língua, sendo demandadas estratégias de resistência à norma, como rasuras (ANZALDÚA, 1987) lexicais que borram discursos hegemônicos. Para Preciado (2020) “falar é inventar a língua da travessia, projetar a voz numa viagem [...] traduzir nossa diferença para a linguagem da norma” (PRECIADO, 2020, p. 25). Para o autor, a norma corta a multiplicidade, divide o mundo em dois e nos força, em seguida, a escolher uma das partes. (Des)objetos tentam restabelecer essa multiplicidade mutilada do objeto, fazendo do acervo museal uma fonte multifacetada de diálogo para encruzilhadas sobre gênero, pois a cada encontro, a cada (des)objeto e a cada conversação os sentidos mudam, a direção desvia (ALVES, 2021) e novas possibilidades se abrem para o aprender no currículo-museu.

5. EFEITOS DE UM CURRÍCULO-MUSEU COM GÊNERO

O diálogo com a teórica Anzaldúa (1987) em interface com o filósofo Preciado (2020) proposto nesse artigo não foi concreto, nem literal, mas artístico e imaginativo. Uma autora feminista do final do século XX e um autor trans do início do século XXI apresentam como ponto em comum o desejo permanente de mover, de atravessar, de deslocar certezas e propor olhares híbridos para a vida. Tal convergência coincide com a proposta investigativa de um currículo-museu ao se reinventar e se infiltrar em outros territórios no encaixo de encruzilhadas de gênero.

Encruzilhadas de gênero são acionadas por meio de conversações, interações e interpelações com (des)objetos, produzindo efeitos nas práticas do ensinar e do aprender no museu. Elas têm o propósito de produzir desalinhamentos nos modelos, padrões e regras, evidenciando escapes e possibilidades de resistência. Escapes como a problematização das assimetrias na divisão sexual do trabalho na conversação com a máquina de costura e a crítica ao protocolo social de gênero para presentear com flores na conversação com o regador.

Incutida dessa perspectiva transgressora no campo curricular e de gênero, abrem-se outras possibilidades de investigação pelos museus da cidade. Além do Memorial Minas Gerais Vale investigado nesse artigo, um currículo-museu pode acionar encruzilhadas de gênero em travessias pelos acervos de outros espaços, como em museus de esportes, história, arquitetura, moda, brinquedos, religiosidade, política, meio ambiente, cultura indígena e cultura afro-brasileira. Segundo Anzaldúa (1987), o campo social está intersectado por várias camadas de subordinação não reduzidas unicamente à questão de gênero. Assim, caminhos para o aprender são reconstruídos na abertura das fronteiras e na ampliação das possibilidades de trabalho com educação em um museu. Pesquisadores/as de gênero no currículo e, como decorrência disso, habitantes da fronteira, precisam estar atentos/as à pluralidade horizontalizada, inclusiva e democrática na educação. Na busca por encruzilhadas em diferentes territórios com diferentes (des)objetos no intuito de potencializar o museu como espaço do aprender e da coabitação entre as diversas formas de ser e estar no mundo.

O currículo-museu, como um artefato cultural alargado, mobiliza sujeitos e corpos para o aprender. Mas, para tanto, torna-se necessário desaprender práticas generificadas, normalizantes, sexistas e homofóbicas, problematizando as encruzilhadas de gênero encontradas nas travessias pelo museu. Também é necessário estabelecer alianças na diversidade e na adversidade. Alianças entre saberes e campos de pesquisa a fim de operar mecanismos de resistência aos códigos que demarcam as fronteiras entre a norma e a abjeção.

Atravessar fronteiras de gênero é “ao mesmo tempo saltar um muro vertical infinito e caminhar sobre uma linha traçada no ar” (PRECIADO, 2020, p. 33), experimentando o museu como um espaço curricular vivo e em movimento permanente para ensinar e aprender com (des)objetos. Um currículo-museu está vivo nas encruzilhadas quando discriminações de gênero são trazidas para o debate e quando o binarismo de gênero demarcado nos objetos é problematizado. Por fim, o que conta em um currículo-museu com gênero é não perder de vista as encruzilhadas, pois é lá que o desejo de aprender se manifesta e se espalha, atravessando, inundando e surpreendendo na vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cecília Barreto; VASCONCELLOS, Victor Augusto. Transexuais: *transpondo barreiras no mercado de São Paulo?* **Revista Direito G. V.** Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, v. 14, n. 2, maio/ago., p. 302-333, 2018.
- ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Políticas públicas, gênero e currículo: notas para equidade. **Revista Educação em questão**, Natal, v.58, n.58, out./dez., p. 1-23, 2020.
- ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Desvios de gênero em um currículo-museu: encontros e composições com (des)objetos. **Revista Diversidade e Educação**, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, v. 9, n. Especial, p. 314-340, 2021.
- ALVES, Cláudio Eduardo Resende. **Notas do diário de campo**. Belo Horizonte: 14 de novembro, 2019a.
- ALVES, Cláudio Eduardo Resende. **Notas do diário de campo**. Belo Horizonte, 26 de novembro, 2019b.
- ALVES, Cláudio Eduardo Resende. **Notas do diário de campo**. Belo Horizonte, 09 de dezembro, 2019c.
- ANZALDÚA, Glória. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.117 p.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 164 p.

BERGAMO, Alexandre. Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda. **Cadernos Pagu**, Universidade Estadual de Campinas, v. 22, p. 83-113, 2004.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 287 p.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2018. 264 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2008. 127 p.

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius Silva; HANNA, Vera Lúcia Harabagi. Glória Anzaldúa em Borderlands/La Frontera: língua, identidade, cotidiano. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, v.9, n.25, p. 8-23, 2018.

MOREIRA, Tatiana Lourenço. **Moda gênero**: ativismo e consumo na indústria cultural contemporânea. 2020.130 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza, 2020.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n.60, p. 143-154, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Aves. É possível um currículo fazer desejar? In: PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Pesquisas sobre currículos e culturas**: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: CRV, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Florianópolis. 17, n.33, p. 206-237, 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: PARAÍSO, Marlucy Alves (org.); CALDEIRA, Maria Carolina Silva (org.) **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidade**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Uma vida de professora que forma professores/as e trabalha para o alargamento do possível no currículo**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. 299 p.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1, 2018. 447 p.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 317 p.

SOUSA, Luana Passos; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**. Universidade de São Paulo. São Paulo. v.30, n.87, 2016.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, ano 15, n. 32, jul./dez., p. 157-170, 2009.

Revisão gramatical realizada por Magner Miranda de Souza

E-mail: magnermiranda@outlook.com